

TERREIRO DE CANDOMBLÉ COMO ESPAÇO DE SABERES EDUCACIONAIS: MEMÓRIA DE CRIANÇA

AILMA DA SILVA CONCEIÇÃO
EDUARDO DE OLIVEIRA MIRANDA

RESUMO

Neste estudo tenciono meu olhar para a valorização e afirmação dos espaços não escolares que compõem um terreiro de candomblé, como espaço de inúmeras potencialidades educativas com toda a sua carga de afetividade e subjetividade. O ponto norteador desse trabalho está intimamente relacionado com a minha história de vida, uma mulher negra, candomblecista e pedagoga que vislumbra propagar e efetivar as leis nº 10.639/03 e a lei nº 11.645/08 na prática educacional nos espaços formais de educação. Esse artigo tem por objetivo analisar as práticas educativas desenvolvidas nos espaços de um terreiro de candomblé em seu cotidiano e como as crianças que convivem constantemente nesses territórios constroem a sua identidade negra. Baseados neste ponto de vista epistêmico, partimos para o entendimento, reconhecimento e valorização dos processos educativos que ocorrem no espaço religioso, neste caso os terreiros de Candomblé. E para tal, utilizamos a metodologia das narrativas autobiográficas. A importância desse estudo é identificar como os espaços de um terreiro de candomblé favorecem para que as crianças se identifiquem e construam seus valores identitários da cultura afro-brasileira.

Palavras-chave: Educação Étnico-Racial, Educação não formal, Terreiro de Candomblé.

INTRODUÇÃO

Terreiro é o nome dado aos espaços em que se pratica as Religiões afro-brasileiras, que tem suas histórias pautadas na resistência e luta para poder exercer seus cultos livremente, para pensar o terreiro enquanto um espaço educativo, estabelecemos o movimento de pensar como as crianças que convivem sua infância dentro desses espaços, percebem o ato educativo que é realizado coletivamente por um grupo de pessoas a partir de uma hierarquia iniciática, que partilham uma herança de saberes comum a todos.

A escolha por estudar esse tema tem como relevância o meu elo de ligação com a cultura afro-brasileira, que faz parte da minha identidade como mulher negra, candomblecista, e que foi criada dentro dos espaços não formais de um terreiro de candomblé. E que ao chegar nos espaços formais educacionais, logo presenciei as formas pejorativas e estereotipadas que eram lançadas sobre o estudo da cultura afro-brasileira, e essa forma negativada de perceber a cultura do negro, partia não somente dos alunos, assim como também de muitos profissionais da educação.

Para Silva, Santana e Ferreira (2018) o desenho da criança revela uma espécie de comunicação e que entendem no outro um receptor predisposto a se comunicar. Esse desenho expressa o seu plano mental em construção pelo

desenhista. Desse modo, uma criança de terreiro pode abordar as vivências, história do povo negro, como os mitos ressignificados na diáspora (*idem*).

A partir dos desenhos das crianças do axé é possível entender o legado cultural afro-brasileiro, a relação identitária e territorial que esses sujeitos contraíram ao longo da diáspora (*idem*). Quando a criança desenha, por exemplo, um orixá, em determinada cor, ali se conta uma narrativa, através dessa arte, cada cor, representa um detalhe importante da religião dos Orixás que compõem o repertório dessas crianças e a acompanharam durante toda a sua vida, pois essa aprendizagem dentro do terreiro constitui-se em uma formação na construção desse sujeito.

Fui uma criança de terreiro, que denomino como todas as crianças que convivem nesses espaços e participam ativamente dos processos de aprendizagens, que contribuem para a construção positiva de sua identidade negra. Por vivenciarmos diariamente com a cultura afro-brasileira, dispositivo de grande importância a ampliação de conhecimento e aplicabilidade da lei 10639/03, como mulher, negra, pedagoga e candomblecista preciso destacar caminhos que favoreçam o ensino de história e cultura africana, bem como o fortalecimento das identidades negras.

Nesse espaço, cresci, convivi e fui alfabetizada por pessoas que não possuíam nenhuma formação acadêmica, mais a todo momento os nossos ancestrais (pessoas mais velhas), sentiam se preocupados em orientar, educar e transmitir os conhecimentos necessários sobre a nossa cultura, é importante ressaltar que esses conhecimentos seguem uma linha hierárquica, em que aprendemos com o tempo de pertença na religião.

Quando criança começamos a estabelecer interações entre os sujeitos dentro e fora dos terreiros, e com isso iniciava-se também uma preocupação em educar a cada um de nós, a respeito e não perpetuar o preconceito sobre nenhuma religião. Os ensinamentos recebidos dentro de um terreiro de candomblé contribuem para uma Relação de respeito, reforçando a importância dos valores étnicos raciais e aceitação das diferenças, os terreiros possuem grandes potencialidades educativas que contribui positivamente para o conhecimento e para a construção e valorização da cultura afro-brasileira. Metodologicamente esse trabalho se caracteriza como uma pesquisa narrativa autobiográfica, em que tenho ligação direta com o tema, que foi de suma importância para a construção

da minha história de vida, e para isso foi necessário reavivar lembranças da memória pessoal e coletiva de todo meu processo educacional nos espaços formais e não formais educativos.

A ideia de memória destacada nesse projeto parte das interpretações desenvolvidas por Halbwachs (2006), que determina que a memória é uma construção social e coletiva. E ao reativar a minha memória nos espaços formais educacionais encontrei apoio em alguns teóricos, como Stela Guedes Caputo (2012) com a sua obra *Educação nos Terreiros*, em apresentou as diversas e invariáveis formas educacionais que existem nos espaços não escolares dentro de um terreiro, e identificando a forma perversa com que as crianças candomblecistas percebem e vivenciam a história da cultura do seu povo dentro das escolas. O terreiro que Caputo realizou a pesquisa mostrou que as crianças que eram de candomblé ao chegar nas escolas, sentiam vergonha em se identificarem e para isso muitas escondiam os seus artefatos religiosos como ela mesma afirma em seu descrito que: "As crianças são obrigadas a esconder os seus artefatos religiosos, os preceitos do culto da fé. Isso acontece em diversos espaços, mas de acordo com os depoimentos, a escola é o pior lugar" (CAPUTO, 2012, P.197).

Ao perceber e sentir na pele que a escola é sim o local que mais se reproduz esses tipos de preconceitos, fui obrigada a superar o racismo vivido por anos nos espaços escolares, e para isso apoiei meus estudos na obra de Munanga (1986) *Superando o racismo na escola*, em que apontou as mais variadas formas de reprodução do racismo e do preconceito que acontece dentro das escolas. Durante muito tempo a cultura afro-brasileira teve as suas discussões pautadas na temática religiosa, situação também evidenciada no meio acadêmico, sobre tudo no que concerne à ciência antropológica que analisava essa matriz cultural com enfoque na influência da religião negra na identidade do povo brasileiro. É inegável a necessidade de mudanças nos currículos, e que se faça necessário a introdução da história da África e da cultura afro-brasileira em todas as esferas públicas e particulares, evidencio Nilma Lino Gomes (2012) em sua obra, *étnico racial, Educação e descolonização dos currículos*. Para que isso ocorra é necessário um trabalho magro, que abranja toda a esfera das políticas públicas educacionais, em que as crianças negras e candomblecistas possam se sentirem representadas, e para isso é necessário desconstruir e reconstruir um currículo que atenda a essa necessidade que hoje é obrigatório por lei e está embasado na lei

nº10639/ e lei nº 11.645/08.

Ao reavivar lembranças da minha história de vida, será necessário discorrer sobre oralidade e memória, dentro de um terreiro de candomblé os ensinamentos são transmitidos através da oralidade, por esse motivo a cultura do nosso povo julga necessário a importância da manutenção da cultura oral. Apoie-me no trabalho de Vanda Machado (2002) *Vivências e Intervenções Pedagógicas*, trabalho esse que foi realizado dentro do terreiro Ylê Afonjá, identificando as infinitas potencialidades educacionais que existem dentro de um terreiro de candomblé.

1. MEMÓRIA DE CRIANÇA

Em todo terreiro de candomblé encontramos crianças, muitas delas chegam a esse espaço, através de algum parente que pertence ao terreiro, a convivência no terreiro aproxima as crianças da cultura afro-brasileira. Na perspectiva de compreender esse local, seu funcionamento e as suas potencialidades educacionais, o terreiro aqui é representando como espaço educacional não formal.

Falar de educação formal não educacional implica em falar de uma educação libertadora sem limites, e sem murros, essa educação transmitida dentro do terreiro em seus espaços não escolares, em que prepara as crianças para o seu convívio dentro e fora dos murros do terreiro, a importância desse ensinamento é pontuada por Vanda(2010,p.55) quando diz que: “Ensinaamentos transmitidos dos terreiros na comunidade vão colocar o outro dentro do seu odu, dentro da sua própria sina, do seu caminho, do seu jeito de ser no mundo”. Todos os espaços dentro de um terreiro são utilizados para educar as crianças, os elementos que o compõem são utilizados como referência, símbolos, imagens, representações, os ritos, a reprodução oral e visual na prática é que define a forma de educar, sempre seguindo como modelo a reprodução.

Nesse momento, as crianças aprendem ouvindo e observando os mais velhos, repetindo na prática, esse meio de aprendizado é defendido por Caputo (2012, p. 157) afirma que “é na experiência que se aprende e se ensina”. A minha chegada nos espaços de um terreiro não foi diferente a pertença nos espaços de um terreiro de candomblé se inicia com a minha bisavó, que ao ser iniciada, passa a morar nesse espaço com seus filhos, na época minha mãe estava com 7 anos de idade, no terreiro havia uma filha de santo que não se sabia o seu grau de

escolaridade, e a mesma se dedicou a alfabetizar as crianças que moravam no terreiro, assim como alguns afazeres que julgavam ser indispensáveis para as mulheres realizar como cozinhar, bordar, costurar.

Lembro-me quando criança que entre uma quizomba(festa), ou qualquer acontecimento que era realizado nos espaços do terreiro era tudo muito rico, de ensinamentos constantes e diários, que me direcionava para a construção da identidade negra, e aos poucos ia internalizando os ensinamentos e responsabilidades que eram atribuídas. E em meio as brincadeiras tínhamos obrigações a cumprir como: colar as bandeirolas para as festas, cortadas em papel seda, e ao longo do terreiro se amarravam um cordão de uma extensão a outra, passava uma cola feita com uma mistura de água e goma, e por horas ficávamos colando as bandeirolas que enfeitavam todo o local. Entre uma bandeira e outra colada sempre tínhamos a companhia de um mais velho que nos ensinava cantigas, ou contando algum mito que faz parte do processo de educar dentro dos terreiros. Esse contexto se baseia em contos, mitos, rezas, cânticos, e representações de objetos e apetrechos que constituem a nossa cultura, que vivencia um ciclo em que hoje você aprende, amanhã você ensina, hoje você é mais novo, amanhã você será o mais velho, que dá continuidade ao processo de aprendizagem com seus ancestrais. Contar mitos em muitos lugares na África, faz parte do jeito de educar as crianças, que mesmo antes de ir para a escola, aprende as histórias da sua comunidade, os acontecimentos passados, valorizando-os como novidade.

Se tratando de uma educação não formal, os ensinamentos realizados dentro de um terreiro têm sim uma intencionalidade, que é valorização e perpetuação da tradição afro-brasileira. Todos os ensinamentos expressam ampla potencialidade educacional, que se utiliza de diversos meios para que o seu objetivo seja internalizado, para evidenciar, manter e enaltecer a nossa cultura negra. Na religião de matriz africana a oralidade e a memória são elementos constituintes para a constituição da identidade negra candomblecista, fazem parte da cultura do nosso povo, é tradição transmitir os ensinamentos através da tradição oral que é uma forma encontrada de preservar a cultura afro, que é defendida por Vanda Machado 2002, p.29) como uma "característica da educação que inicia o indivíduo, gradativamente, na sabedoria do candomblé e na sua simbologia que é eminentemente contextual."

O que não acontece nos espaços formais de educação, as crianças que convivem nos espaços de um terreiro de candomblé, ao chegar na escola, não se sentem representadas, e muitas são proibidas de expressar qualquer tipo de representatividade sobre a cultura religiosa, com isso a cultura do nosso povo fica sucumbida aos desejos da branquitude que insiste em Apontar a sua doutrina religiosa eurocêntrica, como única e fomentando verdades absolutas, elementos que reverberam na educação escolar. A prática pedagógica exercida dentro de um terreiro de candomblé se diferencia da educação formal em não ter delimitado uma data ou tempo para acontecer, é um acontecimento contínuo e esporádico, que utiliza uma pedagogia oral. A partir de uma perspectiva educacional, ressalto que os terreiros de candomblé, produzem em sua essência valores educacionais contribuindo para que as crianças sejam sujeitos comprometidos com a sociedade, construa sua identidade, respeitem as diversas identidades, ou seja, buscamos preparar nossas crianças para a alteridade. Hoje compreendo o porque muitas crianças não se sentem representadas nos espaços escolares formais, posso afirmar que até os dias atuais percebo em algumas falas e olhares o peso da discriminação sobre a cultura do meu povo, isso nas esferas educacionais acadêmicas, ao apresentar o tema que desejo escrever. Superar o racismo é um processo contínuo, realizado internamente, que envolve compreender a relação que tenho comigo mesma, com o outro e com as minhas raízes.

CONCLUSÃO

O trabalho desenvolvido é de grande importância para Compreendermos que o processo educacional existe em todos os espaços e nos terreiros de candomblé não é diferente, nesse ambiente não formal, são transmitidos ensinamentos e valores que contribui para a construção e preservação da cultura negra nas crianças, através de estímulos constantes.

Nesse local vejo representado a verdadeira história e potencialidades do meu povo, algo não encontrado nos ambientes formais de educação e hoje como futura profissional da educação vejo refletida na minha imagem a necessidade de trabalhar e estimular o negro, a sentirem orgulho da sua cultura, do seu povo.

Hoje como educadora que me encontro nos espaços formais de educação, tenho como obrigação defender e apresentar da melhor forma possível tudo que

envolva a história do meu povo, para que cada criança possa se sentir representada de forma positiva sobre a cultura africana.

Objetivo que através dessa reflexão crítica aqui traduzida possa contribuir para a necessidade em reformular e ampliar a grade curricular dos cursos de graduação, que o ensino da cultura afro-brasileira, possa fazer parte da grade curricular dos componentes obrigatórios, e não mais optativo, e com isso oportunize os futuros profissionais da educação suporte didáticos necessários para que possam trabalhar nas escolas as leis 10.639 e 11.645 de modo que fortaleçam a identidade dos oprimidos que é a maioria da população negra.

Graças a um terreiro de candomblé que recebi ensinamentos constantes que pude superar o racismo dentro dos espaços formais de educação e hoje propago a história da minha, e me apresento como uma mulher negra, pedagoga, candomblecista e imponderada.

REFERÊNCIAS

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos Terreiros: Como a escola se relaciona com as crianças**. São Paulo. Gráfica Asschi 20212.

CAPUTO; S.G. Passos, M. **Cultura e conhecimento em terreiros de Candomblé com mãe Beata de Iemanjá**. Currículo sem Fronteiras, v.7, n.º2, p.93-111, Jul./Dez 2007.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem fronteira, v.12, p.98-109,2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo.Centauro.2006. MACHADO, Vanda da Silva. **ILÊ AXÉ Vivências e Intervenções Pedagógicas: As Crianças do Opô Afonjá**. Editora Edufba. Salvador 2002.

MACHADO, Vanda da Silva. **Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais**. Salvador 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na Escola**. Brasília 1986.

SILVA, Hellen Mabel Santana, Marise de Santana, Edson Dias Ferreira. **"Oxumaré também mora aqui"!: o olhar de crianças de terreiro sobre a festa de São Bartolomeu**. Revista Periferia, v.10, n.1, p. 47 - 70, Jan./Jun. 2018.